

LITERATURA

Sonho, Mito e Realidade

A propósito do sonho profético de Enéias

JOHNNY JOSÉ MAFRA

A Eneida é o poema de Enéias, mas é também e sobretudo o poema da glorificação de Roma.

O que esse poema representa nada mais é do que o resultado de tudo o que o romano criou em toda a sua história. Virgílio, como companheiro de Augusto e como o maior entusiasta das grandezas do Imperador, retrata o império romano do tempo de Augusto, império que ele faz provir de Enéias.

Aqui se defrontam dois mundos, como num espelho: o mundo de Enéias que, numa visão profética, enxerga o futuro glorioso, e o mundo de Augusto que, numa revisão da história e das tradições, enxerga o seu passado. Enéias representa o herói que deverá enfrentar e vencer os mais variados obstáculos, para chegar a ser Augusto, enquanto Augusto é o grande herói de sua época, o qual só existirá após a revolução de vários séculos, durante os quais se formará, por transformação, o seu caráter. Desde sua fundação, em 753 a.C., até a paz augustana, no século I a.C., Roma só conheceu vitória e poder, do mesmo modo que Enéias, em toda a sua carreira, como predestinado, passou de vitória em vitória até a instalação definitiva do povo troiano na Itália.

Confrontando os dois mundos, o de Enéias e o de Augusto, pode-se dizer que o império de Augusto é a idade de ouro sonhada por aquele herói, representada, na Eneida, pela vitória sobre Turno e pelo casamento com Lavínia.

A propósito, lembre-se a teoria dos Mýthos, em que Northrop Frye apresenta a estória romanesca como a forma literária que mais se aproxima do "sonho que realiza o desejo". A estória romanesca se destaca "por sua nostalgia de extraordinária persistência, por sua busca de algum tipo de idade de ouro imaginativa no tempo e no espaço".¹ Lida à luz dessa teoria, a Eneida é a mais bela estória romanesca que em todo o tempo se escreveu.

A trama do poema virgiliano constitui-se da grande aventura do herói troiano, aventura que se desenvolve em episódios cheios de fantasia e que culmina com a fixação de Enéias em território italiano. Ao mesmo tempo que é a mais bela estória romanesca, a Eneida é também a mais perfeita. Veja-se com que segurança e com que rigor técnico Virgílio desenvolve o seu tema, que é a procura da terra prometida, o ideal de Enéias, como prospecção do grande ideal e da verdadeira terra prometida em que se transformou o império de Augusto.

Após a destruição de Tróia, Enéias e seus soldados são levados pelo Destino a procurar novos portos, através de aventuras perigosas. A procura, de aventura, transforma-se em luta, no momento em que o herói enfrenta outros povos que deverá vencer, antes que se estabeleça nas novas terras. A procura, enfim, termina, com a exaltação do herói: a vitória e o casamento de Enéias.

Essas considerações iniciais são apenas uma apresentação da Eneida, em cuja estrutura se vai estudar o tema Sonho, Mito e Realidade. Para que seja possível realizar essa tarefa a contento, parece conveniente delimitar uma parte apenas do poema que contenha o tema na extensão desejada. Seja então o belo, singular e significativo episódio do sonho profético de Enéias, que se encontra logo no início do Canto VIII. A partir dessa escolha, o tema ao mesmo tempo se restringe e se amplia, passando a denominar-se *Sonho, Mito e Realidade: a propósito do Sonho Profético de Enéias*.

Antes de ler o texto do sonho profético, impõe-se uma recapitulação da história da Eneida.

Tendo partido de Tróia com seus companheiros, Enéias erra pelo mar e pelas mais diferentes terras, à busca do litoral italiano.

1. FRYE, N. *Anatomia da Crítica*. São Paulo, Cultrix, 1973. p. 185.

Perseguido da deusa Juno, é afastado da Itália para Cartago, na costa da África, onde reina a rainha Dido. A rainha oferece-lhe excelente hospitalidade e acaba inflamada de amor por ele. Enéias conta-lhe a história da queda de Tróia e as desgraças que ele próprio sofrera. Enquanto goza desse repouso em Cartago e cumpre as formalidades diplomáticas, apaixona-se ele também pela rainha apaixonada. Dido é a mulher amorosa que se entrega inteiramente à sua paixão e ao seu ideal, e por isso se destrói. Enéias é o amante frio, que, após obter o objeto de seu amor, abandona-o em favor de um plano racionalmente estabelecido. Enéias parte para a Itália. Na Sicília celebra os jogos fúnebres para comemorar o aniversário de morte de seu pai Anquises. Em seguida, já prestes a chegar ao fim de sua jornada, desce aos infernos, onde deverá visitar a alma de seu pai, a quem consultará a respeito dos destinos de Roma. Chega, enfim, à foz do rio Tibre, região que reconhece lhe estar destinada pelos deuses. Essa região era habitada pelo rei Latino, como Virgílio começa a narrar:

Rex arva Latinus et urbes
iam senior longa placidas in pace regebat.²

(O rei Latino, já velho, governava com inalterável paz estes campos e estas cidades pacíficas).

Um oráculo previne o rei de que não deve unir sua filha a esposo latino, pois acabavam de chegar estrangeiros que, pela sua descendência, levariam o nome latino até os astros. Enéias envia embaixadores ao rei, com presentes, a pedirem paz e aliança, e este não só os acolhe com bondade, mas ainda oferece a Enéias a mão de sua filha Lavínia. Juno interfere e, desesperada pela fortuna dos troianos, chama Alecto dos infernos para vir desfazer a aliança. A harpia enche de furor a rainha Amata, esposa de Latino, e depois a Turno, rei dos Rútulos, a quem Lavínia fora prometida em casamento. Mais alguns incidentes acrescentados ao ciúme de Turno foram suficientes para a deflagração da guerra. Imediatamente formam fileira ao lado do rei rútilo os principais chefes latinos: Mezêncio e seu filho; Aventino, filho de Hércules; os irmãos Cátulo e Coras; e Camila, rainha dos Volscos.

2. *Eneida*, VII, 45-46.

Talia per Latium.³

(Tais eram as coisas que
se passavam no Lácio).

Consciente do perigo que o ameaça, Enéias planeja como enfrentá-lo. Certa noite, tendo adormecido na praia, ao relento, um sonho revela-lhe o que deva fazer. Veja-se esse sonho nas palavras do próprio poeta:

Nox erat et terras animalia fessa per omnis
alituum pecudumque genus sopor altus habebat,
cum pater in ripa gelidique sub aetheris axe
Aeneas tristi turbatus pectora bello
procubuit seramque dedit per membro quietem. 30

Huic deus ipse loci fluvio Tiberinus amoeno
populeas inter senior se attollere frondes
visus: eum tenuis glauco velabat amictu
carbasus et crinis umbrosa tegebat harundo;
tum sic adfari et curas his demere dictis: 35

“O sate gente deum, Troianam ex hostibus urbem
qui revehis nobis aeternaque Pergama servas,
exspectate solo Laurenti arvisque Latinis,
hic tibi certa domus, certi (ne absiste) penates;
neu belli terrere minis; tumor omnis et irae 40
concessere deum.

Iamque tibi, ne vana putes haec fingere somnum,
litoreis ingens inventa sub ilicibus sus
triginta caputum fetus enixa iacebit,
alba, solo recubans, albi circum ubera nati: 45

(hic locus urbis erit, requies ea certa laborum)
ex quo ter denis urbem redeuntibus annis
Ascanius clari condet cognominis Albam.
Haud incerta cano. Nunc qua ratione quod instat
expedias victor, paucis (adverte) docebo. 50

Arcades his oris, genus a Pallante profectum,
qui regem Evandrum comites, qui signa secuti,

3. *Eneida*, VIII, 18.

delegere locum et posuere in montibus urbem
 Pallantis proavi de nomine Pallanteum.
 Hi bellum adsidue ducunt cum gente Latina; 55
 hos castris adhibe socios et foedera iunge.
 Ipse ego te ripis et recto flumine ducam,
 adversum remis superes subvectus ut amnem.
 Surge age, nate dea, primisque cadentibus astris
 Iunoni fer rite preces iramque minasque 60
 supplicibus supera votis. Mihi victor honorem
 persolves. Ego sum, pleno quem flumine cernis
 stringentem ripas et pingua culta secantem,
 caeruleus Thybris, caelo gratissimus amnis.
 Hic mihi magna domus, celsis caput urbibus exit." 4 65

Era noite.

Por toda a terra, um sono profundo
 apodera-se dos animais cansados,
 das aves e dos gados,
 quando o venerável Enéias se deitou na praia,
 ao relento,
 turbado o seu coração pela triste guerra,
 e deu a seus membros um tardio repouso.
 Pareceu-lhe que o próprio deus do lugar,
 o velho Tibre de águas amenas,
 erguia-se por entre frondes de álamos,
 todo coberto de leve túnica de linho verde-mar
 e a cabeça coroada de juncos.
 Começou o rio então assim a falar
 e livrava Enéias de seus cuidados
 com estas palavras:

"Ó filho dos deuses,
 que nos trazes do meio dos inimigos a cidade troiana
 e conservas Pérgamo imortal,
 ó esperado do solo laurento e dos campos latinos,
 esta é a tua morada, tens aqui os teus penates!

4. *Eneida*, VIII, 26-6.5

Não te vás nem temas as ameaças desta guerra!
O ressentimento e toda a cólera dos deuses
já se aplacaram!

Para que não penses que este sonho
te traz imagens vazias,
em breve encontrarás, sob as azinheiras marginais,
uma enorme porca que acaba de parir trinta leitões,
toda branca, estendida no solo,
os filhos brancos em redor das tetas.
Este será o lugar da cidade,
este o repouso certo dos teus trabalhos.
Este é o sinal de que, passados trinta anos,
Ascânio fundará Alba, de cognome ilustre.
Ê certa a minha predição.
Agora presta atenção!
Em poucas palavras te ensinarei
por que modo sairás vencedor,
e isso é o que importa.

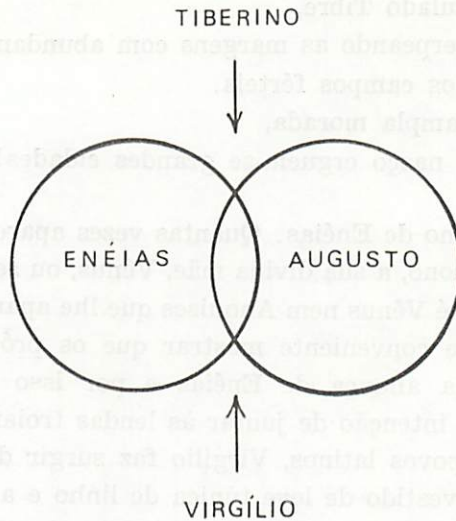
Os Árcades, descendentes de Palante,
que, tendo partido de sua pátria,
se fizeram companheiros do rei Evandro
e adotaram seus estandartes,
escolheram aqui um lugar
e fundaram nas montanhas a cidade de Palanteu,
do nome do seu antepassado Palante.
Estes estão constantemente em guerra com os latinos.
Toma-os para teus aliados e faze tratados com eles.
Eu mesmo te conduzirei pelas margens e pelas águas,
em linha reta,
a fim de que, subindo com teu barco,
venças pelos remos a corrente oposta.

Eia, filho de uma deusa,
ergue-te, e, segundo o costume,
ao romper da aurora, dirige súplicas a Juno,
abrandá-lhe com os teus votos a cólera e as ameaças.
Vencedor, a mim tributa as honras.

Eu sou o azulado Tibre,
que tu vês serpeando as margens com abundante curso
e banhando os campos férteis.
Aqui tenho ampla morada,
mas lá onde nasço erguem-se grandes cidades!"

Esse é o sonho de Enéias. Quantas vezes apareceram ao herói, na vigília ou no sono, a sua divina mãe, Vênus, ou seu pai Anquises! Aqui, porém, não é Vênus nem Anquises que lhe aparecem. Ao poeta da Eneida parece conveniente mostrar que os próprios deuses do país desejavam a aliança de Enéias e por isso lhe davam sua proteção. Com a intenção de juntar às lendas troianas as tradições legendárias dos povos latinos, Virgílio faz surgir diante de Enéias o próprio Tibre, vestido de leve túnica de linho e a cabeça coroada de caniços. O deus recomenda que o herói não abandone o país latino, que é o lugar reservado para os seus Penates. Como prova da verdade dessas palavras, Enéias encontrará uma porca rodeada de seus trinta filhotes.

Numa reflexão preliminar sobre o sonho, observa-se que, nele, o mítico e o real se encontram, formando um só e mesmo indivíduo, ou um só e mesmo inconsciente. São quatro personagens distintas, mas intimamente relacionadas: Enéias — Augusto — o Tibre — Virgílio. No plano do mítico está Enéias e no plano do real, Augusto. O Tibre é resultante da intersecção dos dois planos, de modo que participa do mítico enquanto faz parte do mundo maravilhoso, e do real enquanto é um rio geograficamente situado e historicamente conhecido. Esse inconsciente é real enquanto, através da história, lembra as tradições romanas; é mítico enquanto, através do sonho do herói, projeta o futuro de sua raça. Nesse conjunto, Virgílio é o observador, é o povo, é o coletivo, que adota o mito e o interpreta de acordo com a realidade circundante. Virgílio e Augusto são personagens historicamente conhecidas, do século I a.C.; Enéias é personagem lendária do ciclo troiano, de pouca importância nos poemas homéricos e na literatura grega em geral, mas figura de grande apreço e de grande significado entre os latinos.



Aqui se estudará o sonho do ponto de vista do herói e do deus-rio, sem se abandonar, contudo, a presença de Augusto e de Virgílio, porquanto ambos estão lá também, no sonho, um enquanto reflexo do próprio objeto sonhado, outro enquanto intérprete do anúncio do deus. Virgílio e o Tibre identificam-se no sentido de serem o inconsciente de Enéias e de Augusto. Enquanto anuncia a aliança e a vitória, o Sonho é o inconsciente de Enéias, e, por sua vez, enquanto celebra as grandezas do Imperador, Virgílio é o inconsciente de Augusto.

Deste modo, a narração coloca-nos diante de um inconsciente de profunda ambigüidade: um sonhador que sonha e é ao mesmo tempo um imperador que busca o seu passado; identifica-se o narrador com o objeto do sonho, enquanto esse próprio objeto interpreta a sua mensagem.

Ao confrontar Enéias e Augusto, entra-se em contato com a história de Roma, que é feita, de uma parte, de fatos históricos, e, de outra parte, de fatos lendários, mas ao mesmo tempo históricos, porque perfeitamente verossímeis. As lendas de Enéias, bem como as demais lendas troianas, confundem-se com os primeiros fatos da história romana.

Enquanto, na dimensão do real, Virgílio celebra os feitos de Augusto através da projeção mitológica, na dimensão mitológica, o poeta cria a bela alegoria do velho Tiberino que, no sonho, participa do mito de Enéias. Adequadamente, o bondoso velho Tibre, que conhece todas as tradições latinas, é o guia de Enéias. E surge diante do herói com todas as características do lugar: leve túnica de linho, coroa de juncos, sombra de álamos frondosos e barba verde.

Ao mesmo tempo que aproximamos os seres em nome do simbolismo, nós lhes mostramos as diferenças, em nome desse mesmo simbolismo. Enéias é a projeção de Augusto e vice-versa, mas Augusto é histórico, é real, enquanto Enéias é lendário, é mítico. Do mesmo modo, o velho do sonho e Virgílio identificam-se, enquanto projeções do inconsciente de Enéias e Augusto respectivamente, mas distinguem-se essencialmente, pois Virgílio é personagem histórica e o velho Tiberino não passa de alegoria.

Apresenta o sonho de Enéias duas partes distintas e diferentemente significativas, embora intimamente ligadas: a primeira parte, do verso 26 ao verso 35, em que o poeta apresenta a alegoria do fantástico velho Tiberino, materializado no caudaloso e ao mesmo tempo ameno rio Tibre, cercado de altos choupos e verdejantes caniços; a segunda parte, do verso 36 ao verso 65, em que se lê o discurso profético: o deus anuncia a aliança de Enéias e Evandro e, para garantia de que a sua fala é verdadeira, anuncia também que, ao acordar, o herói encontrará uma porca branca rodeada por seus trinta leitões.

Impõe-se, neste passo, uma pergunta: por que Virgílio introduz a lenda do Tibre através do recurso do sonho, e não através do recurso do oráculo ou do adivinho, como o fez em outras partes do poema?

Não podemos esquecer-nos inicialmente de que a aproximação de Enéias e do Tibre representa a união de duas culturas, a troiana e a latina, para a formação do povo romano. Quando, no Canto VII da Eneida, verso 81 e seguintes, o rei Latino quer saber o que faça de sua filha e como receba os estrangeiros, é do oráculo que recebe a mensagem, isto é, vem-lhe de fora a informação desejada. Quando, porém, Enéias divaga inquieto e se angustia à procura de solução que o livre do ataque de Turno e de sua gente, é de

dentro de si mesmo que lhe vem a inspiração. A idéia da aliança com outro povo que igualmente era hostil aos latinos nasce do seu inconsciente. Dessa forma, o recurso literário do sonho com a sua auto-interpretação é o mais adequado para o desenvolvimento desse passo.

Segundo Jung, "... os símbolos do sonho são, na sua maioria, manifestações de uma parte da psique que escapa ao controle do consciente".⁵ Daí conclui-se que o que Enéias podia ter descoberto em estado de vigília, como bom comandante e homem inteligente que era, vem-lhe do inconsciente, enquanto dorme. Como sonho, a sua mensagem traz toda a carga de simbolismo e de ambigüidade que são próprios dos sonhos.

Vejam-se, então, a partir do texto e segundo a teoria arquetípica, alguns valores que joguem luz sobre essa ambígua história. Tanto na primeira quanto na segunda parte encontram-se elementos simbólicos que devem ser considerados. São os seguintes:

- o velho
- o rio — a água
- a cor — o verde, o branco
- a porca com os leitões
- o numeral trinta

O velho rio. Por que velho rio?

"... deus ipse loci Tiberinus... senior..."

(o próprio deus do lugar, o velho Tiberino).

"A simbologia atual considera o velho como personificação da experiência ancestral da humanidade, o inconsciente coletivo".⁶ O poeta não encontraria imagem mais apropriada à sua criação do que a imagem do velho. Para a orientação de Enéias, ninguém melhor do que o velho Tibre que conhecia a longa e tumultuada história do povo latino.

5. JUNG, G. G. *O homem e seus símbolos*. Edição especial brasileira, 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, s. d. p. 64.

6. CIRLOT, J. E. *Diccionario de símbolos*. Barcelona, Editorial Labor, 1969.

Ergue-se então o velho Tibre e com sua sabedoria milenar — pois que vira surgirem os povos à sua margem e se formarem as cidades — indica a Enéias o caminho a seguir. O rio lembra o fluxo do tempo para a eternidade, o que parece mostrar a intenção do poeta de retratar a caminhada do romano, de um princípio humilde, em direção à glória da imortalidade. A água, segundo Jung, é o símbolo mais comum do inconsciente, e então mostra que, no sonho, Enéias tira de si mesmo a inspiração, e não de um oráculo. Navegando nas águas do Tibre, isto é, na linha do seu inconsciente, Enéias encontra a aliança desejada. Mais ainda: água tem um significado vital e lembra o mistério da criação. O rio Tibre banha e fertiliza os campos da Itália e é à sua margem que se desenvolvem os primeiros povoados.

A porca e os trinta leitões que Enéias encontra, segundo lhe anunciara o deus, e que depois deverá sacrificar à deusa Juno, lembram uma das mais antigas tradições do povo latino, isto é, o sacrifício de um porco, juntamente com uma ovelha e um touro, (*suovetaurile*), na celebração do ritual da lustração ou purificação.⁷ O porco, ou a porca, era igualmente o animal que se imolava de preferência nos tratados de aliança.

O que se passa no sonho realiza-se na lenda e confirma-se na interpretação dada por Virgílio: Enéias celebra um tratado de aliança com o rei Evandro e, a seguir, sacrifica à deusa Juno, para apaciar sua cólera. O sacrifício da porca tem significado mágico, conforme atesta Cícero em *De divinatione*, I, 13, onde deixa claro que o porco era também um animal que trazia em si força mágica. Na verdade, para a visão do poeta, a grande porca representa a aliança que formou a confederação latina das trinta cidades, e faz lembrar as velhas tradições religiosas de sua raça, além de indicar, segundo o texto, o local onde Enéias deveria lançar as bases de sua cidade:

Hic locus urbis erit, requies ea certa laborum.

(Este será o lugar da cidade,
este o repouso certo dos teus trabalhos) (v. 46).

7. COULANGES, F. *A cidade antiga*. Lisboa, L. Clássica Editora, s. d., p. 196.

Ao significado mágico da porca junte-se o significado mágico do número:

“... sus triginta capitum fetus enixa...”

(uma porca que acabara de parir trinta filhotes.)

Não são claras as indicações simbólicas do número *trinta*, mas não se lhe pode tirar a relação com o número três, que representa a síntese, a resolução do conflito.⁸ Enéias sofrera inúmeros embates em terra e no mar, numa longa jornada de Tróia até a Itália. Agora armam-se os exércitos contra ele. O sonho anuncia-lhe a solução na aliança que lhe dará a vitória. *Trinta leitões* tem relação com a aliança das trinta cidades e também com os trinta anos que separam a fundação da cidade de Lavínio e de Alba-Longa:

Ex quo ter denis urbem redeuntibus annis
Ascanius clari condet cognominis Albam.⁹

(Este é o sinal de que, passados trinta anos,
Ascânio fundará Alba, de cognome ilustre).

O velho rio diz a Enéias que ele encontrará uma porca branca com trinta filhotes brancos:

“alba, solo recubans, albi circum ubera nati” (v. 45).

Acreditava-se em Roma que a cidade de Alba fora fundada no lugar mesmo em que a porca parira seus leitõezinhos, e que tirara esse nome da cor dos animais. O branco simboliza o divino, e com isso Virgílio quer dizer que Roma é a cidade augusta, a cidade-mito, cujas origens se situam no plano do maravilhoso.

Quando se ergue diante de Enéias, o rei Tiberino está inteiramente coberto com uma túnica de linho verde-mar. O verde exprime a idéia de crescimento e juventude, em oposição à idéia de velhice que o rio carrega. A juventude traz esperança, traz novas sensações. Quando se ergue diante de Enéias, esse sonho colorido representa a expectativa da aliança e da vitória.

8. CIRLOT, op. cit.

9. *Eneida*, VIII, 47-48.

Considerada a Eneida como o poema da celebração de Roma, sobretudo da Roma de Augusto, e a celebração do próprio Imperador, tudo indica que o velho rio do sonho representa a opinião coletiva popular a respeito de Augusto, ou a projeção de certa forma de cultuar o Imperador e sua obra que Virgílio impunha a seus concidadãos, ou ainda uma visão narcisista do próprio Imperador que Virgílio, como seu duplo, reproduz.

O sonho profético de Enéias, visto pelo poeta, é um sonho arquetípico e, como tal, especular, pois, no anúncio da vitória do herói troiano e das suas grandezas, podem-se ver as vitórias e as grandezas do Império de Augusto.

Tendo-se optado pela análise arquetípica do sonho, é forçoso falar também do mito, pois que sonho e mito estão no mesmo plano simbólico e, neste texto, sonho e mito são a mesma coisa. O mito Enéias, de que é parte o sonho, une-se à alegoria do rio Tibre e traz novas luzes a este estudo. A propósito disso, vale lembrar a opinião de Wilfred Guerin, segundo a qual “da mesma forma que os sonhos refletem os desejos e ansiedades inconscientes do indivíduo, também os mitos são as projeções simbólicas das esperanças, valores, medos e aspirações de um povo”.¹⁰

Tomando-se como referência a época de Virgílio, o sonho do Canto VIII põe diante de nós dois mitos: o mito de Enéias, que representa a cultura grega, e o mito do deus-rio Tiberino, que representa a cultura itálica e especialmente a cultura latina. Enéias é o herói do poema virgiliano, em torno do qual gira toda a narrativa. É a lenda principal deste conjunto de lendas que formam a Eneida. O mito Tiberino, casado ao mito Enéias, fornece a Virgílio matéria para a inspirada composição do sonho profético e tem, para o povo latino, o significado de um objeto familiar.

O Tibre é um rio da Itália, que atravessa a cidade de Roma e antigamente se chamava Ábula. Do nome Tibre temos *Tiberino*, adjetivo que dá nome ao rei de Alba-Longa, que morreu afogado nas águas do rio. Deus-rio de barba verde e velho de traços bondosos, era particularmente venerado pelos habitantes de Roma por ter,

10. GUERIN, W. *Abordagens críticas à literatura*. Rio, Lيدador, 1966. p. 88.

outrora, salvado a vida dos irmãos gêmeos Rômulo e Remo, jogados em suas águas dentro de uma cesta. Aparecera antes na lenda de Enéias e se revelara ao herói troiano, aconselhando-o a subir seu vale até o palácio do rei Evandro, que governava a modesta cidade de Roma.

Aparentemente ingênua, essa alegoria oferece uma grande riqueza de significados:

1. O rio chamava-se Âlbula, certamente por causa de Alba-Longa, cidade que tem seu nome ligado à lenda da porca branca do sonho profético.
2. O rio Tibre deu nome ao rei Tiberino, de cuja morte fora causador.
3. O rio salvou a vida de Enéias, inspirando-o e conduzindo-o em suas águas.
4. O rio salvou a vida dos gêmeos fundadores de Roma.
5. Este rio é fator essencial na vida das cidades ribeirinhas, pois fertiliza a terra e serve de comunicação entre os habitantes.

As águas do Tibre matam e ao mesmo tempo dão a vida, e por isso simbolizam o mistério da criação, o nascimento, a morte e a ressurreição; a purificação e a redenção; a fertilidade e o crescimento.¹¹

Por fim, dentro da lenda, o rio é o ponto de contato entre o mítico e o real, e, assim, é, na dimensão da lenda, a única realidade comprovável. Colocando-se frente a frente os dois universos, o de Enéias e o de Augusto, o ponto de contato, a área comum é o Tibre que, de modo fantástico, se manifesta ao herói troiano, e sob forma real está presente no mundo romano.

Sob dois aspectos há de se considerar a realidade: do ponto de vista do texto e do ponto de vista da história. Na dimensão textual está a lenda, em que se nota profunda preocupação com a

11. *Idem.* p. 89.

verdade dos fatos. O ponto de contato do texto com a realidade é o Tibre, mas existem outras marcas que ficam comprovadas dentro da lenda. O deus-Tibre aparece ao herói troiano e anuncia-lhe a aliança e a fundação da cidade. Isso poderia ser irreal, apenas um sonho, mas o próprio sonho adianta-se e garante que é realidade, o que será comprovado pelo aparecimento da porca:

“iamque tibi, ne vana putes haec fingere somnum”¹²

(para que não penses que este sonho te traz
imagens vazias).

De fato existe uma realidade textual, pois o que se passa no sonho de Enéias realiza-se, naturalmente no plano do mito: aparece a porca —

“Ecce autem subitum atque oculis mirabile monstrum
candida per silvam cum fetu concolor albo
procubuit viridique in litore conspicitur sus”¹³

(mas o prodígio súbito e admirável aos olhos!
Toda branca, com a ninhada dessa mesma cor,
deitou-se na floresta e é vista no verde litoral
uma porca);

Enéias sobe o rio, conforme o deus determinara —

“ocius advertunt urbique propinquant”¹⁴

Depressa dirigem as suas proas e se aproximam da cidade; enfim, Enéias sacrifica a Juno e celebra a aliança com o rei Evandro.

A realidade histórica é na verdade o que se busca com essa análise. Enquanto a realidade textual nos leva para o mundo de Enéias, a realidade histórica nos leva para o mundo de Augusto, e não há de ser outra a pessoa que o poeta, através de símbolos, representa, pois na realidade de Virgílio existe uma única realidade:

12. *Eneida*, VIII, 42.

13. *Eneida*, VIII, 81-83.

14. *Eneida*, VIII, 101.

o império romano e a glória de Augusto. Deste modo vê-se que o grande ponto de contato da obra com a realidade histórica é o poeta.

Inicia-se aqui nova linha de pesquisa: as projeções especulares ou arquetípicas de Enéias e Augusto.

César Otávio recebe do Senado romano, em 29 e 27 a.C. respectivamente, o título de *Princeps* e de *Augustus*. Inicia-se em Roma a era imperial. Uma nova ordem social se impõe e reina a paz interna e externa. Virgílio projeta sua obra, através da qual mostrará a todo o mundo romano a grande obra do Imperador. De posse dos antigos mitos gregos e itálicos já celebrados por Névio e Ênio, o poeta cria um quadro em que se defrontam os dois mundos: — (e aqui repita-se o que se esboça na introdução) — o mundo mítico de Enéias que, numa visão profética, enxerga o futuro glorioso, e o mundo real de Augusto que, numa revisão da história e das tradições, enxerga o seu passado. Para nós agora, o herói que enfrenta e vence os maiores obstáculos é o próprio Imperador, que Virgílio glorifica na pessoa do príncipe troiano.

Augusto sobreviveu a Virgílio e assim pôde preservar o poema que projeta suas próprias grandezas. Virgílio torna-se criação do inconsciente do Imperador, como o velho Tiberino nasceu do sonho de Enéias. Confirma-se a teoria do arquétipo, visto que Augusto, de fato, deu condições ao desenvolvimento e ao exercício do poeta, que se tornou, verdadeiramente, seu inconsciente, e não simples alegoria como o inconsciente do sonho.

Para terminar, leia-se um pensamento de Salvatore D'Onofrio, em que parece claro o valor especular ou arquetípico que ele também atribui à obra do vate romano: "A Eneida é uma epopéia 'reflexa', quer porque imita poemas épicos anteriores, quer porque o material mítico e lendário é utilizado não ingenuamente, mas com um intuito peculiar. (...) Os antigos mitos gregos e itálicos são revestidos de razões ideológicas para que o vasto Império Romano de Otávio seja interpretado como consequência da vontade divina".¹⁵

15. D'ONOFRIO, S. *Da Odisséia ao Ulisses — evolução do gênero narrativo*. S. Paulo, Duas Cidades, 1981. p. 65.